ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS
DIVISÃO DE PESQUISAS
SERVIÇO DE AVALIAÇÃO

# CADERNOS DE AVALIAÇÃO

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA

N.º 9 FICHAS DE AVALIAÇÃO

1966

**Diretora do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais**

ALDA CARDOZO KREMER

**Diretora da Divisão de Pesquisas**

LEDA RIBEIRO SOEIRO

**Chefe do Serviço de Avaliação**

SUELLY AVELINE

**Trabalho elaborado por:**

SUELLY AVELINE

Chefe do SERVIÇO DE AVALIAÇÃO

**Com a colaboração de:**

**Irma Doval Martins**

Chefe do setor de Provas-Diagnóstico e Testes de Escolaridade

**Marina Ciulla Bohmgahren**

Chefe do setor de Estudos do Rendimento Escolar

**Lia Nunes Martins**
Professôra à disposição do CPOE

**Tomoko Iyda Paganelli**
Professôra à disposição do CPOE

**Hellen Pôrto Pereira**
Professôra à disposição do CPOE

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
LABORATÓRIO DE MATEMÁTICA

Conceituamos como "Fichas de Avaliação" o tipo de registro de observações e dados importantes a respeito do progresso e do desenvolvimento do aluno, acompanhado de avaliações e comentários pertinentes.

## DIRETRIZES GERAIS SÔBRE A ELABORAÇÃO DAS FICHAS DE AVALIAÇÃO

**I — Determinar o que deve ser avaliado.**

"Usamos a palavra "fenômeno" como um símbolo coletivo para todos os objetos possíveis de mensuração, porque êste é o único têrmo de suficiente generalidade para abranger todos os vários aspectos que os professôres e administradores escolares desejam medir".

Exemplos:

— aprendizagem da linguagem,
— hábitos de estudos,
— atitudes, em geral,
— caráter
— habilidade para a costura etc...

Portanto, o que deve ser avaliado é constituido por um conjunto de fenômenos cujas características dificultam, muitas vêzes, o processo da medida.

É fácil dizer quantos problemas um aluno acertou, mas não podemos dizer o mesmo sôbre sua inteligência ou raciocínio.

**II — Examinar, cuidadosamente, os fenômenos educativos para os quais desejamos obter medidas, ou seja, para determinar a sua mensurabilidade.**

— Ao realizarmos êste estudo vamos verificar que muitos dêstes fenômenos necessitam ser "redefinidos" ou "reestruturados" antes de iniciarmos o processo de medida.

Todo o fenômeno educativo possui "dimensões".

"Dimensões é um têrmo coletivo que serve para indicar as propriedades, aspectos, atributos, qualidades, etc... dos fenômenos sujeitos à mensuração."

Exemplos:

— a **altura** de um aluno

— a **exatidão** ortográfica

— **rapidez** na leitura
etc...

— Cada uma das palavras grifadas constitui uma dimensão dos fenômenos educativos acima citados.

— As dimensões podem ser:

— claras e diretamente observáveis ou
— encobertas e só indiretamente observáveis.

— Dimensões claras são aquelas que nos oferecem dados sensoriais.

Exemplos:

— Quando o professor mede o conhecimento dos alunos, através de uma prova com questões objetivas, **olha**, a fim de comparar as respostas das questões com as respostas corretas da chave de correção.

— O professor de música para avaliar o repertório de canções que o aluno conhece, **escuta** o mesmo cantar.

— Dimensões encobertas "são certas condições, elementos ou propriedades atribuídas a aspectos não observáveis do comportamento, do pensamento, de atitudes, de impulsos etc..."

Um sinônimo de "dimensões encobertas" é a dimensão inferida.

Exemplos:

Não podemos observar diretamente a inteligência dos nossos alunos, entretanto, podemos medí-la através da realização de certas tarefas que, de fato, exigem inteligência para o seu bom desempenho.

— Certos estados emocionais, sentimentos encobertos, fôrça dos impulsos etc... não podem ser observados diretamente. Não possuimos, no momento, instrumentos capazes de captar o que se passa no íntimo de um indivíduo quando sensibilizado pela beleza de um ato moral, pela harmonia de côres ou formas expressas num quadro ou pela inspiração de um ambiente religioso etc...

Êstes fenômenos possuem propriedades intangíveis, imponderáveis.

— Há certas "dimensões inferidas" que consistem em teorias, explicações, exposições verbais etc... Estas dimensões recebem o nome de construtos.

Exemplos:

— A teoria da luz
— A teoria de Freud
— O ID — Ego — Superego.
Etc...

**III — Escolher os instrumentos de medida de acôrdo com a natureza do fenômeno educativo que se quer avaliar**

Muitos dêstes instrumentos estão sendo aplicados:

— prova tradicional desenvolvida
— prova objetiva
— testes de escolaridade
— provas-diagnóstico
— escalas de avaliação
— técnicas de observação
— técnicas projetivas
etc...

Dois critérios nos permitem concluir se os recursos de avaliação, que estão sendo utilizados, num determinado momento, são adequados ou inadequados .

São êles:

— validez e
— precisão

Além dessas exigências, universalmente aceitas para um eficiente instrumento de avaliação, qualquer que seja o campo, outras existem, entre elas:

— objetividade
— facilidade de aplicação
— facilidade de correção
— facilidade de interpretação.

Vemos que estas últimas são muito menos decisivas que a validez \ precisão, pois um instrumento de avaliação pode funcionar eficientemente sem estas últimas exigências secundárias.

Entretanto elas influem e às vêzes interferem sèriamente na validez e precisão.

Um recurso de avaliação é válido quando avalia ( e fato aquilo que se quer medir, daí a íntima relação entre os objetivos educacionais e a seleção dos instrumentos de avaliação.

Um teste pode ser consideràvelmente válido para um objetivo e quase inteiramente sem validade para outro.

Exemplo:

— O melhor recurso para avaliar conteúdos programáticos é a prova tradicional desenvolvida. Esta não mostra o mesmo grau de validez quanto à apreciação do desenvolvimento emocional, social etc...

Há vários métodos, atualmente recomendados, para assegurar ou determinar a validade dos recursos de avaliação utilizados no trabalho educacional.

Êstes métodos, em geral, são assim classificados:

— validade curricular
— validade lógica e psicológica
— validade estatística.

A validade curricular se fundamenta nos objetivos do ensino.

Há validade curricular quando o professor seleciona os recursos de avaliação de acôrdo com os diferentes tipos de aula ou situações de ensino-aprendizagem.

Para isso, necessita de um conceito claro de situação ensino-aprendizagem.

"Didàticamente, situação de ensino-aprendizagem se refere ao conjunto de fatôres ou elementos presentes, de modo dinâmico no contesto de uma atividade, intencionalmente orientada no sentido de auxiliar o estudante em seu desenvolvimento total".

Quais são êstes fatôres ou elementos que estão sempre presentes, em qualquer situação de ensino-aprendizagem?

Lembramos os seguintes:

a) objetivos (do professor, aluno, de ambos, dos pais dos alunos)

b) conteúdo programático (informações científicas, religiosas, artísticas, morais etc.)

c) métodos ou técnicas de ensino-aprendizagem (atividades do professor, do aluno, de ambos etc.)

d) ambiente de trabalho (confôrto físico, atmosfera de relações humanas, interrelação professor-aluno, exigências, pressões sociais etc.)

e) recursos (didáticos, audio-visuais etc.)
f) avaliação (sistema de contrôle, de verificações etc.)

— Tôdas as técnicas de avaliação têm as suas vantagens e as suas limitações. Sempre haverá uma melhor técnica para êste ou aquêle momento didático.

Em relação à validez **curricular**, chamamos atenção ainda para êste aspecto de que o comportamento medido deve se aproximar, no máximo possível, do comportamento atual. A prova pré-elaborada ou qualquer outro instrumento de avaliação pré-elaborado (com muitos dias e até meses de antecedência) podem ser úteis sôbre vários aspectos mas não satisfazem as necessidades e objetivos de tôdas as situações locais de ensino. Não cobrem, na devida proporção, em extensão e profundidade, todos os aspectos que devem ser apreciados no momento.

Uma prova só para um conjunto de classes, as provas objetivas ou os testes de escolaridade limitam-se, em grande parte, aos elementos do ensino comum do conjunto de classes ou de um grande número de escolas. Não incluem todos os elementos específicos à determinada classe ou de determinada escola.

O ideal seria que se incluissem na avaliação tanto os instrumentos padronizados quanto os constituídos pelo professor. Ambos servem a finalidades úteis, embora um pouco diferentes (administrativas ou legais e ténicas), e ambos constituem partes importantes de um programa amplo de avaliação.

— **A validade-lógica e psicológica** se refere às questões ou técnicas de avaliação perfeitamente graduadas e de acôrdo com o nível mental do aluno

Quando empregamos na avaliação questões incluindo tarefas que de fato, exigem inteligência para o seu êxito, estamos conferindo-lhe validez psicológica.

Alfredo Binet, o criador da abordagem atual das medidas de inteligência, foi o primeiro a alcançar uma análise lógica o que, psicològicamente falando, envolve um ato inteligente.

Especìficamente, no caso da mensuração das aptidões, da inteligência, dos interêsses, dos estados de ânimo etc... a análise lógica ou psicológica é, muitas vêzes, o único fundamento sôbre o qual se pode construir ou apreciar uma técnica de avaliação.

**A validez estatística** é comprovada através dos métodos estatísticos.

A precisão — consiste na obtenção de dados seguros, baseados em informações exatas. Sôbre estas informações é que irá se fundamentar a avaliação.

**IV — Selecionar ou elaborar os padrões de avaliação.**

Padrão de avaliação é aquilo que se usa como ponto de referência para julgar valôres.

"O padrão deve consistir em descrições de vários níveis de rendimento referentes a cada objetivo da aprendizagem ou a cada dimensão do fenômeno. Estas descrições devem variar desde realizações menos "valiosas às mais valiosas" e devem ser expressas em têrmos de comportamento". (6)

Estabelecer padrões exige:

a) conhecimento do assunto; não é possível construir uma boa técnica de avaliação sem um conhecimento adequado do assunto que se quer avaliar;

b) conhecimento das técnicas de elaboração ou de construção dos recursos de avaliação e capacidade para usá-las; para isso é necessário estudo, experiência e pesquisa;
c) habilidade para exprimir as idéias de forma precisa, concisa e clara; considera-se uma arte a habilidade para unir o conhecimento do assunto à formulação de técnica para avaliá-lo;
d) certas atitudes e qualidades pessoais que caracterizam e conferem autenticidade a um educador.

A seguir apresentamos algumas fichas de avaliação a título de sugestão.

## SUGESTÕES PARA A ELABORAÇÃO DE UMA FICHA DE AVALIAÇÃO SÔBRE TRABALHOS DE LABORATÓRIO

Disciplina: Ciências Físicas e Biológicas
Série: ..... Data: ..... Horário: .....
Tema Central: .....
Métodos e Técnicas: de "laboratório"
Local: . . .....

---

1. Houve um planejamento inicial das atividades a serem desenvolvidas:

   ( ) elaborado pelo professor

   ( ) elaborado pelo professor e alunos de modo que ambos se identificaram na compreensão e na busca das mesmas finalidades

   ( ) elaborado apenas pelos alunos, desempenhando o professor, de modo eficiente, o papel secundário

   ( ) elaborado por uma equipe constituida por pessoal altamente especializado sôbre o assunto.

2. Os objetivos foram claramente definidos:

   ( ) em têrmos de conteúdos programáticos

   ( ) em têrmos de metas estabelecidas

( ) em têrmos de transformações, tendo em vista as vivências dos alunos e o seu enriquecimento pelo contato permanente com a realidade circunstancial

( ) em têrmos de experiências de laboratório

( ) em têrmos de informações e divulgação científicas

3. No desenvolvimento das atividades foram previstos:

3.1 — procedimentos didáticos que favoreceram:

( ) a observação
( ) a experimentação
( ) a participação auxiliar
( ) a particifpação dirigida
( ) a participação autônoma

3.2 — procedimentos que favoreceram em certo grau:

( ) o desenvolvimento emocional e mental dos alunos
( ) a manutenção de um clima emocional satisfatório
( ) um bom relacionamento do professor com os alunos e dos alunos entre si
( ) a identificação dos alunos que necessitam de um atendimento especial por parte do professor ou de serviço especializado
( ) o amor pela verdade de si próprio no contexto vital que os envolve
( ) o espírito de responsabilidade e a sensibilidade no uso dos conhecimentos científicos adquiridos.

4. Referências bibliográficas e outras fontes utilizadas pelo professor e pelos alunos:

( ) são atualizadas
( ) adequadas ao desenvolvimento dos alunos
( ) estão de acôrdo com os objetivos que buscam

5. Aspectos não previstos: .....
.....
.....
.....
.....

LABORATÓRIO (de laborar) — É um lugar em que se opera uma transformação notável, não apenas um local equipado para experimentação.

Os primeiros laboratórios tiveram como finalidade a realização de experiências de química, ou antes de alquimia.

Depois surgiram laboratórios nas escolas de todos os níveis, assim como nas fábricas e em várias organizações destinadas a pesquisas.

Há laboratórios de estudos onde os naturalistas encontram assuntos interessantes de trabalho e uma instalação bastante confortável para poderem entregar-se a observações e a experiências de longa duração.

O LABORATÓRIO VIVO DA ESCOLA — "A própria vida deverá ser o laboratório da escola. A escola deve planejar — para cada ano letivo — estágios e visitas, em todos os setôres ativos da comunidade, para de lá trazer "elementos de realidade" destinados ao seu labor didático".

MÉTODO DE LABORATÓRIO — Consiste numa atividade de aprendizagem planejada, culminando na aquisição de uma habilidade, de "como fazer".

SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM TÍPICAS DE LABORATÓRIO:

1. Produizr em laboratório reações químicas, observá-las anotá-las e induzir regras, leis, princípios etc...

2. Reproduzir em laboratório fenômenos físicos (por exemplo, queda dos corpos), observá-los, anotá-los e induzir regras, leis, princípios etc...

3. Criar situações típicas para animais e observar suas reações, donde se induzem regras, leis e princípios etc...

4. Criar situações típicas para os sêres humanos e observar suas reações, donde se induzem regras, leis e princípios etc...

Etc...

**Setôres que podem ser visitados pelo aluno e nos quais deveria estagiar:**

"1. Granjas, fazendas, sítios para familiarizar-se com a produção agrícola e a vida do agricultor e com a natureza em geral.

2. Fábricas e Indústrias, para compreender o processo de transformação da matéria-prima em suas várias fases, antes de ser posta à disposição do povo — e os laboratórios aí existentes.

3. Empêsas de transporte (terrestre, marítimo e aéreo), para inteirar-se da movimentação que os produtos sofrem antes de chegar ao consumidor.

4. Emprêsas comerciais e cooperativas (em grosso e a varejo), para estudar o sistema de distribuição e formação dos preços.

5. Estabelecimentos bancários, para aprender o sistema de financiamento e formação de capitais.

6. Escritórios e serviços, para sentir a diversidade de funções exigidas pela civilização moderna.

7. Serviços de comunicação e divulgação (correios, telégrafos, rádio, televisão, jornais, emprêsa telefônica, bibliotecas etc...) para avaliar a progressiva integração dos grupos sociais num grande todo universal.

8. Serviços de educação e saúde (escolas, preventórios, creches, colônias de férias, hospitais etc...) para perceber a responsabilidade da comunidade no progresso e sobrevivência de cada um dos seus membros.

9. Instituições culturais (museus, exposições, galerias, pinacotecas, discotecas, filmotecas etc...) para avaliar o estágio cultural do meio.

10. Repartições e Serviços Públicos (Prefeitura, Secretarias de Estado, Serviços etc...) para dar aos alunos o sentido da complexidade da atuação do Estado na moderna estrutura da sociedade.

O estágio é, realmente, o ensino, em laboratório, de assuntos especiais, adequados à observação e experimentação, durante um certo período de tempo".

## SUGESTÕES PARA UMA FICHA DE AVALIAÇÃO SÔBRE EXCURSÕES

Escola: . . . . . .
Série: . . . . . .
Disciplina: . . . . . .
Professor: . . . . . .
Local: . . . . . .
Data: . . . . . Horário: inc. . . . . térm. . . . . .
N.º de professôres acompanhantes: . . . . . N.º de alunos: . . . . . .

| I. **Quanto ao planejamento:** | **Sim** | **Não** |
|---|---|---|
| 1 A excursão foi precedida de sólida preparação? | | |
| 2. Houve conhecimento prévio por parte do professor? | | |
| 3. Houve entendimento com as entidades ou encarregados dos lugares a visitar? | | |
| 4. A excursão foi planejada? | | |
| 4.1. sòmente pelo professor? | | |
| 4.2. com a participação dos alunos? | | |
| 4.3. com a participação de tôda a classe mesmo daqueles que não puderam tomar parte na excursão? | | |
| 4.4. com a participação de tôda a escola? | | |
| 4.5. com a participação dos pais? | | |
| 4.6. com a participação da comunidade? | | |
| 5. Os objetivos foram claramente formulados? | | |
| 6. Foram tomadas providências quanto ao transporte? | | |
| 6.2. quanto ao alojamento? | | |
| 6.3. quanto às refeições? | | |
| 7. Foram observadas as condições especiais de licença | | |

| | Sim | Não |
|---|---|---|
| 8. Foi feito o orçamento? | | |
| 9. Os meios usados para a obtenção dos recursos foram ajustados aos propósitos educativos? | | |
| 10. A bagagem foi reduzida racionalmente? | | |
| 11. As malas foram bem identificadas? | | |
| 12. Os alunos tiveram mapas, guias, horários, roteiros de atividades a desenvolver, prospectos, etc... à sua disposição? | | |
| 13. No caso de excursões ao estrangeiro, houve conhecimento de um mínimo de palavras do país a ser visitado, especialmente, as que se referem a: | | |
| 13.1. números? | | |
| 13.2. moedas? | | |
| 13.3. transporte? | | |
| 13.4. alimentação? | | |
| 13.5. saúde? | | |
| 13.6. objetos de interêsse geral? | | |
| 14. O requerimento dirigido às autoridades competentes estava acompanhado dos comprovantes: | | |
| 14.1. planejamento da excursão? | | |
| 14.2. relação nominal de alunos e professôres?? | | |
| 14.3. prova de recursos orçamentários? | | |
| 15. Trata-se de uma pequena excursão? — Ou de uma caravana ou embaixada? | | |
| 16. Trata-se de uma seqüência de excursões? | | |
| II. **Quanto à análise dos resultados:** | | |
| 1. O planejamento foi seguido? | | |
| 2. Os registros foram bem feitos? | | |
| 3. A coleta de material foi feita tècnicamente? | | |

| | Sim | Não |
|---|---|---|
| 4. Houve esclarecimento a respeito das técnicas que poderiam ser utilizadas? | | |
| 5. Os alunos compreenderam as razões da excursão? | | |
| 6. Esta excursão proporcionou experiências vitais que não podem produzir-se na escola: | | |
| 6.1. com animais? | | |
| 6.2. com coisas? | | |
| 6.3. com processos? | | |
| 7. Após a excursão os alunos apresentaram: | | |
| 7.1. relatórios? | | |
| 7.2. relatórios circunstanciados? | | |
| 7.3. material colhido? | | |
| 7.4. conclusões? | | |
| 8. Houve uma compreensão suficientemente clara das interrelações entre a teoria e a prática? | | |
| 9. Os alunos puderam diferençar uma pessoa não qualificada profissionalmente, que sabe "fazer" as coisas a seu modo do profissional que atua num nível técnico-científico, ou simplesmente técnico? | | |
| 10. Êles conseguiram intuir os efeitos desta excessiva preocupação com o fazer? | | |
| 11. Êles conseguiram tirar inferências do que seria êste "fazer" bem informado pelos princípios técnicos, científicos e pelos valôres morais e religiosos? | | |
| 12. Concluiram alguma coisa sôbre o que dá sentido e validez às obras dos homens? | | |
| 13. Houve um respeito e espírito de responsabilidade em relação à conservação dos recursos naturais? | | |
| 14. Houve um racional aproveitamento da verba da excursão? | | |

OBSERVAÇÕES GERAIS:

— quanto às mudanças perceptuais ocorridas

— **nos alunos**

.....
.....
.....

— **no professor e acompanhantes**

.....
.....

— **outras ocorrências:**

.....
.....
.....

SUGESTÕES PARA O PLANEJAMENTO DE UMA FICHA DE AVALIAÇÃO

ARTES INDUSTRIAIS

Disciplina: . . .....

Série: ..... Data: ..... Horário: .....
Tema central: .....
Local: . . .....
Nome do aluno: .....
Nome do professor: .....

I. PLANO DE TRABALHO:

( ) elaborado pelo professor

( ) elaborado pelo professor e aluno

( ) elaborado apenas pelo aluno, desempenhando o professor, de modo eficiente, papel secundário

( ) modêlos pré-fabricados adquiridos no comércio (não houve planejamento)

II. DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES:

A. **Execução na Oficina**

1. ( ) Habilidade em seguir instruções
2. ( ) Habilidade em manejar ferramentas e equipamentos
3. ( ) Observação de precauções de segurança
4. ( ) Adaptabilidade quando surgem dificuldades
5. ( ) Compreensão das limitações e possibilidades das ferramentas e equipamentos
6. ( ) Observação dos princípios da racionalização do trabalho.

B. **Produtos da Oficina**

1. ( ) Há correspondência do produto acabado com os planos originais
2. ( ) O trabalho tem uma aparência limpa
3. ( ) Há precisão nas mensurações angulares
4. ( ) Há adequação de materiais
5. ( ) As dimensões são precisas
6. ( ) O encaixe das juntas é bem feito
7. ( ) O acabamento está adequado

C. **Atuação do aluno como marcineiro**

1. ( ) Bôa saúde
2. ( ) Boa sensibilidade muscular e articular
3. ( ) Condições visuais normais
4. ( ) É capaz de realizar um trabalho equilibradamente mental e psicomotriz
5. ( ) Expressa criatividade de caráter consciente
6. ( ) Realiza trabalhos equilibradamente observacionais, associativos e reativos de tôdas as dimensões
7. ( ) Revela uma especial apreciação de formas e relêvos
8. ( ) Possui normal habilidade para o desenho
9. ( ) Possui boa imaginação espacial
10. ( ) Possui capacidade para integrar os movimentos manuais
11. ( ) Possui facilidade para o cálculo de computação
12. ( ) Usa um vocabulário técnico adequado
13. ( ) É responsável e possui hábitos de economia

D. **Ambiente da Oficina**

1. ( ) Maquinário e ferramentas atualizados e em condições satisfatórias
2. ( ) Espaço suficiente para os alunos se movimentarem
3. ( ) Boas condições de ventilação
4. ( ) Iluminação satisfatória
5. ( ) Ordem limpeza, bôa aparência
6. ( ) Bôa manutenção do material e equipamento

E. **Clima Emocional**

1. ( ) Bom relacionamento entre professor e aluno
2. ( ) Bom relacionamento dos alunos entre si
3. ( ) Consideração e respeito para com os serviçais ou outros funcionários encarregados de zelar pela ordem e limpeza da oficina.

F. **Aproveitamento do Trabalho Realizado**

1. ( ) O trabalho depois de pronto foi bem utilizado: está servindo ao próprio aluno ou à sua família
2. ( ) O trabalho foi oferecido à uma Instituição Beneficente.

III. ASPECTOS NÃO PREVISTOS:

SUGESTÕES PARA A ELABORAÇÃO DE UMA FICHA DE AVALIAÇÃO DO PROFESSOR

Nome da escola: .....
Nome do professor: .....
Função do professor dentro da escola: ..... classe: .....
Data: ..... Localidade: .....

| I. PLANO ADMINISTRATIVO | MB | B | R | I |
|---|---|---|---|---|
| 1. Atitude frente à direção, colegas e demais pessoas envolvidas nas atividades da escola | ... | ... | ... | ... |

| | MB | B | R | I |
|---|---|---|---|---|
| 2. Assiduidade . . . . . | ... | ... | ... | ... |
| 3. Pontualidade . . . . . | ... | ... | ... | ... |
| 4. Registros e pontualidade com a escrita escolar . . . . . | ... | ... | ... | ... |
| 5. Estatutos do Magistério e Legislação em vigor . . . . . | ... | ... | ... | ... |
| **II. PLANO TECNICOPEDAGÓGICO** | **MB** | **B** | **R** | **I** |
| 1. Planejamento de atividades . . . . . | ... | ... | ... | ... |
| 2. Técnicas de trabalho empregadas . . . . . | ... | ... | ... | ... |
| 3. Atitude frente ao C.P.O.E. . . . . | ... | ... | ... | ... |
| 4 Documentação didática . . . . . | ... | ... | ... | ... |
| 5. Conhecimento dos problemas do ensino . . . | ... | ... | ... | ... |
| **III. PLANO PSICOPEDAGÓGICO** | **MB** | **B** | **R** | **I** |
| 1. Conhecimento do aluno . . . . . | ... | ... | ... | ... |
| 2. O Profesor em suas relações com a dinâmica da sala de aula . . . . . | ... | ... | ... | ... |
| 3. Compreensão do processo ensino-aprendizagem . . . . . | ... | ... | ... | ... |

| IV. PLANO SÓCIO-CULTURAL | MB | B | R | I |
|---|---|---|---|---|
| 1. Atuação e realização no sentido de um maior desenvolvimento sócio-cultural a que pertence sua escola ..... | ... | ... | ... | ... |
| 2. Responsabilidade cívica ..... | ... | ... | ... | ... |
| 3. Integridade e reconhecida ascendência no meio social ..... | ... | ... | ... | ... |

| V. PLANO PESSOAL | MB | B | R | I |
|---|---|---|---|---|
| 1. Saúde . . ..... | ... | ... | ... | ... |
| 2. Características gerais de personalidade .... | ... | ... | ... | ... |
| 3. Cultura geral e sepecializada ..... | ... | ... | ... | ... |
| 4. Possibilidades de contribuir para o engrandecimento da profissão ..... | ... | ... | ... | ... |
| 5. Impressão geral ..... | ... | ... | ... | ... |

CONCLUSÕES

.....
.....
.....
.....

ASPECTOS NÃO PREVISTOS

.....
.....
.....
.....

## SUGESTÕES PARA O PREENCHIMENTO DA FICHA DO PROFESSOR

### Padrões de Avaliação

I. PLANO ADMINISTRATIVO

1. **Quanto à atitude do professor frente à Direção, colegas e demais pessoas envolvidas nas atividades da Escola.**

**M.B.** 1.1 — Empenha-se em descobrir de que forma seus objetivos e suas atividades se harmonizam com os objetivos dominantes na direção da Escola, nas suas equipes ou grupos de trabalho, com a finalidade de facilitar a "coordenação", por parte do Diretor, fortalecer o sentimento do nós e, como conseqüência, assegurar uma maior produtividade por parte de todos

1.2 — Não espera ser chamado a colaborar. É capaz de reconhecer quando é necessário, numa situação dada e de atuar com eficiência no momento oportuno. Valoriza a obra comum e sente-se integrado na mesma. Por esta razão, comparece com regularidade às reuniões, desenvolvendo atividades em equipes, grupos de trabalho, comissões, etc... sentindo a importância da sua convocação ou da sua presença espontânea.

1.3 — Empenha-se em manter ou criar uma atmosfera democrática e amistosa dentro da escola. Quando não compreende ou não está de acôrdo com as determinações da Direção, com as decisões e conclusões das equipes e grupos de trabalho, procura um entendimento claro, esforça-se numa harmonização de pontos de vista e de ação, sem ferir princípios ou convicções básicas, próprias ou alheias.

1.4 — Compreende as fôrças externas que atuam sôbre os grupos no quadro total da comunidade e a forma como afetam a dinâmica interna do ambiente escolar e, por esta razão, é capaz de contribuir para a formação de um ambiente escolar no qual todos vão se tornar mais amadurecidos emocionalmente, mais em contato com a realidade e mais eficientes em suas relações com os outros.

1.5 — Colabora com o grupo na determinação dos padrões individuais de conduta, num nível realístico, e zela pela sua prática.

1.6 — Revela um alto grau de eficiente intercomunicação.

B. 1.1 — Considera o Diretor como uma autoridade capaz de, através de técnicas de coordenação diretivas, conseguir unidades de pontos-de-vista e de ação, permitindo aos membros das equipes e grupos de trabalho, integrarem seus próprios esforços. Submete-se, portanto, às deliberações por parte do "superior".

1.2 — Colabora apenas, quando solicitado pelo Diretor. Valoriza a obra comum, atua no grupo com eficiência, mas sempre dentro desta relação de dependência para com a autoridade.

1.3 — Possui convicções a respeito da dignidade do homem, crê no valor do indivíduo, respeita os pontos-de-vista alheios e mantém uma atmosfera democrática dentro da sua sala de aula, mas não se sente à vontade para atuar no ambiente escolar com a mesma espontaneidade.

1.4 — Compreende as fôrças externas que atuam sôbre os grupos no quadro total da comunidade e a forma como afetam a dinâmica interna, do ambiente escolar, mas limitam sua contribuição à sua classe, assegurando um clima emocional sadio na sala de aula.

1.5 — Colabora com o grupo na determinação dos padrões individuais de conduta ou no código de ética profissional e no seu contrôle, mas apenas quando solicitado pela Direção.

1.6 — Sofre algumas inibições ao comunicar-se em níveis, além dos habituais.

R. 1.1 — Algumas vêzes, apesar da sua boa vontade, perturba o trabalho de coordenação por parte da direção da escola por dificuldades pessoais em aban-

donar suas próprias idéias para dirigir-se no sentido dos objetivos gerais da escola. Prende-se à atividades não tão importantes como outras assinaladas pelas equipes ou grupos de trabalho, deixando por esta razão de colaborar nas mesmas.

1.2 — Não colabora com regularidade. Comparece a 50% das reuniões realizadas e nem sempre compreende a importância da sua realização.

1.3 — Não possui convicções muito firmes a respeito do comportamento democrático: ora se envolve numa atmosfera autocrática, ora manifesta tendências democráticas, prevalecendo, no entanto, as últimas.

1.4 — Mantém-se à distância da comunidade e das famílias dos alunos, realizando um trabalho satisfatório no que diz respeito à saúde mental. Mantém na sua classe um equilíbrio entre a direção e contrôle, de um lado, e a liberdade de auto-expressão e de autodeterminação de outro, mas com algumas falhas.

1.5 — Não possui uma hierarquia de valores claramente definida, entretanto, observa e respeita, com relativa regularidade, as normas estabelecidas pela direção da escola. Deixa de cumprir o seu dever, algumas vêzes, por motivos menos relevantes.

1.6 — Apresenta dificuldades quando se comunica verbalmente.

I. 1.1 — Bloqueia sempre que pode os princípios da coordenação, algumas vêzes, de forma inusitada pela dificuldade de estabelecer interrelações positivas com a direção, equipes ou grupos de trabalho.

1.2 — Não colabora. Quando comparece às reuniões, permanece apenas de corpo presente. Quando oferece uma contribuição, quase nunca corresponde ao nível de produtividade das equipes ou grupos de trabalho.

1.3 — Não tem consistência: mantém uma atitude "laissez-faire" ou demasiadamente diretiva ou exces-

sivamente democrática. Produz efeitos desintegradores nos grupos de estudo, nas equipes, comissões, etc... e também no ambiente geral da escola. Geralmente, o diretor não se sente encorajado a confiar a direção de uma classe a um professor assim, tão emocionalmente imaturo.

1.4 — Quando à frente de uma classe, realiza um trabalho de baixo nível.

1.5 — Não possui uma hierarquia de valores; flutua ao sabor da corrente mais forte no momento. Não toma conhecimento dos regulamentos, normas éticas, etc...

É o caso em que a Direção teria que chamar em particular e orientar como expressar-se e portar-se, como vestir-se e apresentar-se dignamente.

1.6 — Geralmente, comporta-se mal ao comunicar-se.

2. **Quanto à assiduidade:**

M.B. 2.1 — Quando o professor registra de 90% para cima de freqüência .

B. 2.2 — Quando o professor registra de 80% a 89% de freqüência.

R. 2.3 — Quando o professor registra de 70% a 79% de freqüência.

I. 2.4 — Quando o professor registra de 60% para baixo de freqüência.

3. **Quanto à pontualidade:**

M.B. 3.1 — Quando o professor chega na hora para as atividades, de 90% para cima, de ocasiões.

B. 3.2 — Chega atrasado à razão de 20% das atividades.

R. 3.3 — Chega atrasado à razão de 40% das atividades.

I. 3.4 — Chega atrasado à razão de mais de 40% das atividades.

4. **Quanto aos registros e pontualidade com a escrita escolar:**

M.B. 4.1 — Quando registra, diàriamente, a freqüência dos alunos e quando registra, diàriamente, as suas atividades.

— Quando apresenta outras formas de registros, tais como: registros narrativos, registros abreviados e registros gráficos.

B. 4.2 — Às vêzes, atrasa o registro de freqüência dos alunos e o registro diário de suas atividades.
— Apresenta fichas de observação e de avaliação muito reduzidas.

R. 4.3 — Atrasa com freqüência os referidos registros.
— Não possui outras formas de registro além das exigidas, oficialmente.

I. 4.4 — Não costuma registrar, diàriamente, a freqüência dos alunos. Não costuma registrar suas atividades.

5. **Quanto aos Estatutos do Magistério e a Legislação em vigor:**

M.B. 5.1 — Conhece e obedece às leis. Possui um registro ou fichário com as anotações que lhe dizem respeito. Faz valer os seus direitos.

B. 5.2 — Busca solucionar seus problemas profissionais junto a pessoas credenciadas ou serviços especializados. Possui noções muito gerais sôbre a legislação em vigor. Faz valer os seus direitos.

R. 5.3 — Interessa-se pouco por êstes assuntos. Às vêzes, a direção da escola ou colegas precisam chamar-lhe a atenção neste particular. Nem sempre faz valer seus direitos.

I. 5.4 — Desconhece os Estatutos do Magistério e a Legislação em vigor.

— Sua vida profissional é desorganizada. Não toma conhecimento dos prejuízos que resultam desta atitude.

II. PLANO TÉCNICOPEDAGÓGICO

1. **Quanto ao planejamento de atividades:**

M.B. 1.1 — Organiza, cientìficamente, o seu trabalho.
É, ao mesmo tempo, educador e pesquisador.
Coloca a pesquisa em posição de destaque.
O programa de ação é realmente funcional e oferece oportunidades para desenvolver, quer no aluno, quer no professor, a capacidade de auto-análise e auto-aperfeiçoamento.

— Realiza suas atividades sob a supervisão da Divisão de Pesquisas do C.P.O.E. onde costuma registrar também suas experiências.

B. 1.2 — Realiza o planejamento das atividades, dentro das diretrizes e normas traçadas pelo C.P.O.E., mas se detém ainda num certo empirismo.

— Professôres e alunos, às vêzes, acham-se inseguros a respeito da qualidade do trabalho que realizam. Emprêgo de métodos e procedimentos didáticos mais avançados dos que correntemente em uso.

R. 1.3 — Segue rìgidamente as diretrizes e normas estabelecidas pelo C.P.O.E. não só quanto ao planejamento, mas em relação também ao desenvolvimento de tôdas as atividades, quando a direção da Escola não manifesta a mínima oposição. Em caso contrário, prefere se orientar pelas idéias do diretor.

I. 1.4 — Permanece dentro do antigo Esquema de aulas expositivas. Em geral, não realiza um trabalho planejado. Se, por acaso, elabora um planejamento, não o põe em ação. Costuma copiar planejamento de outras classes etc...

2. **Quanto às técnicas de trabalho empregadas:**

M.B. 2.1 — Em geral, emprega técnicas dinâmicas que contam sempre com a participação efetiva do aluno. (É preciso não confundir participação com atividade. A participação envolve as camadas mais

profundas da personalidade. O aluno acha-se profundamente envolvido "no fazer". É a participação que dá sentido à atividade, transformando-a no que se diz, vulgarmente, em "experiência de vida". Cientificamente, denomina-se "aprendizagem vital").

2.2 — Entre as técnicas empregadas verifica-se um equilíbrio entre o trabalho realizado individualmente e em grupo. (As tarefas individuais supõem uma certa solidão interior, senso de integridade e realidade pessoal. Quase sempre colocam o aluno concretamente em presença de uma possibilidade ainda não realizada e, por isso, forçam-no a expressar riquezas interiores, geralmente imprevisíveis pelo professor. Desempenhando atividade em grupo, desenvolve-se em outros aspectos, adquire o seu valor, em oposição, colaboração e dedicação em relação com outras existências).

2.3 — Considera como realmente valiosas as técnicas de estudo e trabalho dirigidas individualmente ou em grupo.

2.4 — É capaz não só de utilizar-se de recursos audiovisuais já existentes na escola e na comunidade, como de criar, com os alunos, outros, aproveitando todo e qualquer material disponível. É dotado de iniciativa e imaginação.

B. 2.1 — Quando satisfaz os ítens acima, mas num sentido empírico. Há predominância de técnicas diretivas. O professor está ciente da necessidade de auxiliar os alunos a assumirem responsabilidades pelos seus próprios atos, a autodirigirem-se, a ajustarem-se criadoramente aos padrões da sociedade em que vivem, mas não está bem seguro de como fazê-lo.

2.2 — As técnicas empregadas estão de acôrdo com os princípios atuais da didática, mas são rìgidamente formais, freqüentemente se transformando como se fôssem os próprios fins.

R. 2.1 — Há incoerência entre os conceitos do professor e a forma como realiza seu trabalho diário na sala

de aula. Algumas vêzes, as técnicas são ainda demasiadamente autocráticas, embora sua filosofia educacional esteja se tornando crescentemente democrática.

A atitude subjacente que provoca êsse fenômeno é a preocupação genuína e profunda pelos direitos e sentimentos do aluno que se choca com a dificuldade em expressá-la numa sociedade como a nossa, na qual, a maioria das famílias e professôres usam um sistema de educação quase totalmente diretivo.

2.2 — Há tentativas de emprêgo de técnicas mais eficientes.

I. 2.1 — Emprega técnicas de trabalho rotineiras, ultrapassadas. Costuma fornecer aos alunos soluções préfabricadas para os problemas que surgem em classe.

3 **Quanto à atitude frente ao C.P.O.E.:**

M.B. 3.1 — É receptiva e colaboradora.

3.2 — Procura a orientação do C.P.O.E., quando necessário, espontâneamente.

3.3 — Apresenta pessoalmente ao C.P.O.E. as suas realizações a fim de comunicar e solicitar apreciação, valorizando a troca de experiências e de idéias entre a escola e o Órgão Técnico da S.E.C.

3.4 — Atende, assìduamente, à convocação de reuniões, participando das atividades nelas desenvolvidas.

3.5 — Freqüenta regularmente os cursos, encontros, seminários, etc... que o C.P.O.E. promove, visando o aperfeiçoamento do ensino.

3.6 — Colabora com o C.P.O.E. no campo da pesquisa educacional.

B. 3.1 — Mantém uma atitude predominantemente receptiva.

3 2 —. Procura orientação do C.P.O.E. quando aconselhado pelo Orientador ou Diretor.

3.3 — Em geral, colabora indiretamente com o C.P.O.E., enviando suas realizações por outras pessoas: colegas, diretor ou orientador

3.4 — Algumas vêzes, por motivos menos relevantes, deixa de atender às convocações do C.P.O.E.

3.5 — Freqüenta regularmente alguns cursos promovidos pelo C.P.O.E.

R. 3.1 — Mantém uma atitude resceptiva e exploradora em relação ao C. P. O. E. Não depende apenas das autoridades que lhe dão conhecimento e ajuda, mas também das pessoas, em geral, para qualquer espécie de apoio.

3.2 — Exige e critica mas não coopera produtivamente.

3.3 — Quase nunca atende à convocação de reuniões em que tenha de prestar uma colaboração fora dos limites da sua sala de aula ou da sua escola.

3.4 — Freqüenta os cursos, mas quando dispensado do trabalho de classe ou mediante outras vantagens.

3.5 — É capaz de prestar uma boa colaboração ao C.P. O.E. mediante certas vantagens.

I — Rejeita a Orientação do C.P.O.E.

4. **Quanto à documentação didática:**

M.B. 4.1 — Documenta tôda sua atuação didática no que se refere a planos, material didático etc... e mantém êste documentário em dia.

4.2 — Mantém um arquivo funcional (fichas de estudo, relatórios, bibliografias etc...)

B. — Atende aos ítens expressos acima mas num sentido desatualizado.

R. — Possui um documentário desatualizado e incompleto.

I. — Não costuma documentar sua atuação didática ou quando o faz, a mesma não merece confiança devido a distorção dos dados.

5. **Quanto ao conhecimento dos problemas do ensino:**

M.B. 5.1 — Acompanha os principais movimentos nacionais e internacionais relacionados com o ensino e possui um documentário com as conclusões dos últimos congressos, seminários, encontros etc...

5.2 — É capaz de participar na busca de soluções válidas e num nível técnico-científico. Conhece as bases em que se sustenta o sistema educacional do Estado e do País.

B. 5.1 — Acompanha os principais movimentos nacionais e estaduais relacionados com os problemas do ensino, mas se detém nos que se referem à realidade do ensino da comunidade a que pertence a sua escola.

5.2 — Possui alguns apontamentos a êste respeito. Faz uso dêstes conhecimentos e é capaz de participar na busca de soluções válidas, mas num nível empírico.

R. 5.1 — Possui algumas noções sôbre os problemas de ensino.

5.2 — É capaz de participar na busca de soluções válidas sob a direção de uma pessoa credenciada.

I. 5.1 — Mantém-se alheio aos problemas do ensino.

5.2 — É incapaz de tomar parte em qualquer atividade dêste gênero. Os padrões de seu comportamento são baseados em quase sua totalidade, em emoções e em estereótipos preconcebidos.

II. PLANO PSICOPEDAGÓGICO

1. **Quanto ao conhecimento do aluno:**

M.B. 1.1 — Reúne condições pessoais que permitem o descobrimento, a configuração, a compreensão e a in-

terpretação da realidade do aluno em sua totalidade, ao mesmo tempo que manifesta um amor que se traduz em desvêlo, responsabilidade, compreensão e respeito.

1.2 — Conhece e utiliza as fontes de conhecimento mais atuais e de reconhecido valor que descrevem e explicam as fôrças que regulam o crescimento, o desenvolvimento, a motivação, a aprendizagem e o comportamento do aluno.
Possui registros tècnicamente organizados.

1.3 — Já visitou (e faz uso sempre que necessário, nas condições devidas) os Serviços Especializados, oficiais e particulares.

1.4 — Emprega métodos e técnicas científicas no conhecimento do aluno, entretanto, suas fontes de informação não se limitam à experiência concreta, aos resultados de pesquisas científicas ou aos esforços fragmentários das ciências positivas. Valoriza também a intuição e tudo o mais que possa concorrer para a captação de tudo aquilo que se processa na intimidade de quem se educa e que, em virtude de sua própria subtileza e imponderabilidade, escapam às possibilidades das técnicas científicas. É humano, intuitivo, empático.

1.5 — Observa-se uma coerência entre os métodos e técnicas científicas que emprega e a filosofia educacional que adota.

B. 1.1 — Conhece o aluno dentro de sua realidade objetiva e natural.

1.2 — Conhece e utiliza algumas fontes de conhecimento e possui uma documentação valiosa a respeito

1.3 — Emprega métodos e técnicas científicas no conhecimento do aluno, a seu modo, privando-os, portanto daquêles requisitos fundamentais que caracterizam e conferem autenticidade à ciência.

R. 1.1 — Conhece alguns aspectos da personalidade do aluno, mais diretamente ligados ao rendimento da

aprendizagem, em têrmos de programa e de ajustamento escolar. Não possui documentação organizada a respeito.

1.2 — Emprega quase sempre o "sentido comum" na interpretação do comportamento do aluno.

I. 1.1 — Não se preocupa em conhecer o aluno.

1.2 — Faz com os alunos o que bem entende. Acha que a classe é sua e pode fazer com ela o que quiser.

2. **Quanto às suas relações com a dinâmica da sala de aula:**

M.B. 1.1 — Considera a sua classe como um grupo onde todos participam e compartilham (profesôres e alunos) de pensamentos, experiências e emoções, interagindo, ativamente, mas sem perda da individualidade e integridade pessoal.

1.2 — Mantém em classe uma atmosfera acolhedora, informal e democrática. Os alunos se sentem livres para opinar, discutir seus problemas, para se expressarem e cooperarem espontâneamente.

1.3 — É predominantemente não diretivo, interferindo, raras vêzes, e sempre com a finalidade de garantir a integração e o progresso da classe. Incentiva a auto-direção e a auto-determinação à medida que o aluno realiza aprendizagens significativas sôbre o uso da sua liberdade e se desenvolve no sentido da responsabilidade.

1.4 — É um técnico e um artista em relações humanas. Como técnico é capaz de analisar e diagnosticar os problemas; aplicar soluções à base de instruções e determinações científicas; decidir o que fazer em conformidade com os livros e manuais. Como artista, só age e toma atitudes quando "sente" certo fazer.

1.5 — Suas atitudes se revestem de características de compreensão, aceitação e comunicação. Existe uma situação de "raport" na sala de aula. Os alunos não sentem o professor como uma ameaça, co-

mo uma pessoa capaz de antipatizar ou de rejeitá-los, por esta razão, se liberam fàcilmente de ansiedades que bloqueiam a capacidade de ver a si mesmos, aos outros e ao mundo, de maneira obtiva e construtiva.

É comum ouvirmos frases como estas na sala de aula:

"Nosso trabalho vai bem"
"Será que estamos agindo bem?"
"Se nós fizermos isto..."

B. 1.1 — Preocupa-se com os direitos, deveres e sentimentos dos alunos, individualmente, e em grupo. Mantém uma atitude simpática e compreensiva. É capaz de comunicar êstes sentimentos à classe.

1.2 — A atmosfera cotidiana da sala de aula favorece sua missão fundamental de ensinar e educar. Encara os processos de grupo como fundamentais para o sucesso do trabalho em classe. Freqüentemente reúne os alunos em grupos de trabalho.

Consegue desenvolver a capacidade de auto-direção e de auto-determinação em conformidade com valôres morais, sociais etc. que mais convém à natureza racional do homem.

Algumas vêzes, põe ênfase no conformismo e na obediência.

1.3 — É predominantemente diretiva. Procura informar bem e comunicar suas experiências a fim de evitar que os alunos "percam tempo" ou cometam erros. Pensa que o professor, pela natureza da sua função, pelo seu nível de maturidade, por sua experiência vital e por sua cultura, situa-se sempre diante dos alunos como uma autoridade. E por esta razão deve exercê-la.

1.4 — Merece cuidadosa atenção tudo aquilo que tenha efeito ou possa ter no comportamento do aluno:

a) os pontos de vista dos pais com relação à educação e a escola;

b) as atitudes dos pais em relação ao rendimento escolar dos filhos;

c) o clima emocional do lar;

d) os conflitos potenciais entre pais e professôres ou outros adultos que tenham significação na vida do aluno;

e) as diferenças entre os padrões domésticos e escolares, principalmente, quando os pais encorajam a própria espécie de comportamento que a escola está tentando eliminar;

f) o que se passa no seu íntimo quando "sente" que certos pais interferem demais nos processos educacionais; ou quando não consegue lidar com certos alunos difíceis.

g) e sua sensibilidade, pontos vulneráveis, etc. ... uma vez que trabalha sob sua observação constante: dos alunos, pais, comunidade escolar, administração, supervisôres, orientadores e técnicos.

1.5 — Põe mais ênfase nos aspectos intelectuais do que nos emocionais. Para êle, os resultados dos testes, exames, estudo do histórico escolar, etc... são mais importantes do que as vivências do aluno, do que aquêles momentos em que se processam experiências emocionais corretivas de grande importância para o seu desenvolvimento total.

R 1.1 — O professor se esforça para que os alunos estejam à vontade e cooperem, mas não sabe como fazê-lo em certas circunstâncias e, então, põe em prática, métodos e técnicas pessoais e autocráticas que dificultam a formação de um clima mais sadio dentro da sala de aula.

1.2 — O clima emocional da sala de aula se caracteriza por:

a) ênfase no conformismo e na submissão,
b) ênfase na recompensa e no castigo,
c) ênfase na competição e
d) dificuldades de comunicação entre professor e alunos e alunos entre si.

Algumas vêzes oferece oportunidades para a criança desabafar.

Os alunos reajem com pouca originalidade, falta de iniciativa, dependênia, inibições, mêdo de serem êles mesmos, etc...

I. 1.1 — Atmosfera de classe é de insegurança total.

Descontentamento geral. Coesão e moral muito baixos.
Agressividades contidas ou manifestas. Presença de comportamentos rebeldes. Quando o professor se afasta da sala de aula, mesmo por alguns momentos, dá-se uma explosão de anarquia.
As crianças não aprendem.

3. **Quanto à compreensão do processo ensino-aprendizagem:**

M.B. 3 1 — Favorece o surgimento de situações de ensino — aprendizagem, nas quais os elementos ou fatôres presentes, de modo dinâmico:

a) objetivos
b) conteúdos ou informações
c) procedimentos didáticos
d) ambiente
e) recursos audiovisuais
f) avaliação

estão devidamente orientados no sentido de auxiliar o aluno no seu desenvolvimento total.

3.2 — Todo o seu trabalho se fundamenta nos postulados psicopedagógicos, nos postulados da dinâmica de grupo, na crença no poder da educação e na pesquisa. Dá ênfase ao princípio básico de que o aluno possui, em potencial, capacidade para resolver, êle próprio, as suas dificuldades, desde que lhe seja proporcionado oportunidade e clima próprio.

3.3 — Proporciona diferentes tipos de situações de ensino-aprendizagem, utilizando:

a) visitas e entrevistas planejadas

b) depoimentos vivenciais em tôrno de assuntos ou problemas apresentados pelos alunos
c) projetos de trabalhos
d) experiências
e) levantamentos com o objetivo de conhecer ou constatar algo
f) dramatizações

Etc...

3.4 — Procura ensinar de forma vivencial sem o risco de transformar sua classe num pseudo-grupo terapêutico.

B. 3.1 — Apresenta à classe as situações de ensino-aprendizagem que acha mais adequadas.
Para isso realiza:

a) uma sondagem a respeito das necessidades dos alunos
b) um sociograma para a organização da classe (em grupos)
c) uma discussão com os alunos sôbre:

— os objetivos,
— os possíveis programas de ação
— os recursos de que dispõem
— a distribuição do tempo livre
— as regras que nortearão as atividades
— a avaliação e auto-avaliação do trabalho do ponto de vista dos resultados intelectuais, da participação e do ajustamento.

3.2 — Identifica os "casos problemas" e solicita auxílio do S.O.E. ou os encaminha para outros serviços especializados.

3.3 — Seleciona as técnicas de ensino-aprendizagem, de acôrdo com os objetivos que visa alcançar e que mais rendam em suas mãos.

R. 3.1 — Acha que o papel do professor é falar e o dos estudantes, ouvir. Isso não sòmente impede a auto-expressão dos alunos, mas também o livre funcionamento do processo da aprendizagem.
Os alunos não conseguem ligar o que estudam na escola com o que vêem e "sentem" na vida.

3.2 — Alguns dos elementos ou fatôres, presentes nas situações de ensino-aprendizagem que organiza não estão adaptados às condições de classe. Por exemplo, os objetivos não expressam valores desejados pelos alunos; as técnicas utilizadas não fazem com que os programas de ação realizem os objetivos; observa-se além disso uma correlação forçada em algumas disciplinas.

3.3 — O professor sente-se aliviado quando os "alunos que não aprendem", os "preguiçosos" e os "indisciplinados" abandonam a escola. Entretanto, a finalidade da escola é a de auxiliar a família a formar bem o cidadão do futuro.

J. — Não consegue organizar situações de ensino-aprendizagem. Seu trabalho não apresenta um mínimo de produtividade.

## IV. PLANO SÓCIO-CULTURAL

### 1. Quanto à atuação na comunidade a que pertence a escola

M.B. 1.1 — Desenvolve uma ação social específica de natureza democrática e demonstra habilidade em encaminhá-la com sucesso.

1.2 — Possui uma percepção aguda e rápida dos possíveis cursos da conduta comunitária e atua pronta e adequadamente.

1.3 — Participa de estudos, levantamentos, análises, debates etc... sempre que se realizam na comunidade, espontâneamente, a fim de conhecer a sua realidade dinâmica e definir suas possibilidades de ação, dentro do planejamento geral da escola.

1.4 — Transforma idéias em realizações mesmo aquelas que ultrapassam o comum e o aceita desde que contribuam para o desenvolvimento da comunidade.

1.5 — A sua participação nos esforços locais para o progresso da comunidade, tais como, programas de educação dos adultos, grupos cívicos, programas

recreativos, programas de caráter preventivo, campanhas etc... se integram no planejamento geral da escola.

B. 1.1 — Participa de trabalhos na comunidade quando convocado pela direção da escola. Prefere atuar na comunidade, indiretamente, através de um trabalho de classe, integrado com as atividades desenvolvidas pelas famílias dos alunos no campo educacional.

1.2 — Mantém ativas e estreitas relações com algumas Instituições da comunidade, freqüentadas pelos alunos de sua classe ou pelas suas famílias.

R. 1 1 — Revela senso de responsabilidade pela vida comunitária e preocupa-se com a solução dos problemas locais, mas suas ações necessitam de estímulo freqüentemente.

Deixa-se desanimar, muitas vêzes, pela forte impressão de ser inútil o esfôrço e por parecerem insolúveis os problemas locais.

1.2 — Participa raras vêzes de programas desenvolvidos na comunidade. ..... ..... .... .... .....

I. 1.1 — Cuida apenas dos seus interêsses pessoais.

1.2 — O tipo de participação que oferece distancia-se demais dos objetivos educacionais.

2. **Quanto à responsabilidade cívica**

M.B. 2.1 — Procura conhecer, estudar e praticar POLÍTICA, observando suas normas e leis morais.
("Política é um conjunto de ações, atitudes e métodos que determinam as relações entre os cidadãos de uma Nação e suas Instituições — e as relações daquela com outros Povos").

2.2 — Conhece e cumpre as leis. É consciente de que esta é uma obrigação patriótica à qual ninguém pode fugir, sem trair a Pátria. Contribui para o aperfeiçoamento das mesmas sempre que possível.

2.3 — Procura assistir aos "bem-dotados" porque acredita que os que criam, inventam, aperfeiçoam e rea-

lizam, no sentido de expandir e incrementar o progresso técnico e científico, os valores estéticos, morais e religiosos, constituem a "base real" do desenvolvimento do nosso País.

2.4 — Participa conscientemente e com espírito de responsabilidade das eleições.
("Eleições são o conjunto de atos que permite a cada cidadão falar à sua Comunidade, Município, Estado ou Nação, exprimindo sua vontade, renunciando a parte de sua liberdade, limitando a liberdade dos outros, e com isso, permitindo à vida em Comunidade com todos os seus patrícios").

2.5 — "Coopera através de várias organizações políticas, sociais, profissionais culturais econômicas, desportivas etc... para a solução dos problemas comuns, evitando, assim, o perigo de perder as liberdades individuais, de enfraquecer a soberania nacional e de dar Poder àqueles que querem destruir a Nação".

2.6 — Conhece e respeita os símbolos estaduais, nacionais e mundiais, oficiais, os mais importantes.

2.7 — Colabora no sentido de promover um melhor entendimento entre os povos, o respeito mútuo entre as nações e a paz mundial.
Conhece os principais trabalhos da Organização das Nações Unidas (O.N.U.), prestigia-os e acompanha-os com atenção.

B. 2.1 — Interessa-se por política e possui senso de responsabilidade, mas num sentido mais individualista.
Aplica-se ao estudo dos problemas que lhe estão afetos e freqüenta, assìduamente, apenas as reuniões determinadas oficialmente.

2.2 — Sabe que as leis são feitas para definir as responsabilidades individuais, bem como para delimitar seus direitos.
Conhece apenas aquelas leis que lhe estão afetas.
É capaz de colaborar para o aperfeiçoamento destas quando convocado pelas entidades às quais pertence.

2.3 — Colabora na formação dos futuros líderes nacionais, presidindo uma assistência aos alunos "bem-dotados" que constituem as reservas da Nação, procurando desenvolver sua capacidade de realização, educando-os para que a ponham a servido da humanidade.

2.4 — Participa das eleições oficiais com senso de responsabilidade, mas não põe o mesmo interêsse no que se refere a outros tipos de eleição como:
— Federação, Centro ou Associação de Professôres
— Clube Literário da Comunidade
— Associação dos Funcionários Públicos
Etc...

2.5 — Conhece a dinâmica do processo de desenvolvimento da comunidade local:
— seu rítmo natural de progresso
— o nível cultural-científico-técnico dos seus habitantes
— os líderes (ou membros atívos, capazes de participar)
— o grau de compreensão dos seus cidadãos
— a disponibilidade de "recursos" em pessoal, material e riquezas naturais e as possibilidades de sua mobilização em tempo oportuno
— a maior ou menor cooperação externa
Etc...
Mas só utilizam êstes conhecimentos quando beficiar o trabalho escolar.

2.6 — Conhece apenas os mais importantes símbolos estaduais

2.7 — Procura promover e intensificar nos alunos a formação de sentimentos cordiais e de amizade para com todos os povos do mundo, através de realizações de unidades de trabalho em tôrno do tema e dos homens ilustres que contribuíram com seus esforços e dedicação para a consecução dêste ideal de fraternidade humana.

R. 2.1 — Possui um conceito muito restrito sôbre Política, mas cumpre satisfatòriamente seus deveres cívicos fundamentais.

2.2 — Conhece alguma cousa sôbre leis mas de uma forma muito geral.

2.3 — Possui dificuldades para identificar os "bem-dotados" em sua classe e os líderes autênticos na comunidade local, mas realiza algum trabalho satisfatório nêste sentido, quando bem orientado.

2.4 — Participa das eleições porque votar é um dever, mas nem sempre usa a razão na escolha dos candidatos.

2.5 — Possui conhecimentos superficiais a respeito da dinâmica do processo de desenvolvimento da comunidade, mas bem orientado, tem possibilidade de realizar um trabalho satisfatório.

2.6 — Possui conhecimentos superficiais a respeito dos símbolos nacionais e estaduais, mas nem sempre está a par das normas que regem o seu uso, entre elas, maneira de conduzir a bandeira nacional em público, de hasteá-la, de arriá-la etc...

2.7 — Possui ideais de fraternidade humana mas tem dificuldade em concretizá-los na vida prática e dentro da própria sala de aula, especialmente quando aborda certos ítens do programa de Estudos Sociais ou de História, ocasião em que acentúa mais as guerras, os desentendimentos entre os povos do que os aspectos positivos de uma luta justa pela manutenção universal dos direitos do homem e da auto-determinação dos povos.

I. 2.1 — Não se interessa pelos assuntos que dizem respeito à sua Pátria porque está envolvido demais em seus interêsses pessoais.

2.2 — Possui noções muito superficiais sôbre as leis.

2.3 — Não se preocupa em compreender os seus alunos. Em classe procura dar e exigir o mesmo de todos.

2.4 — Nas eleições, vota naquêles candidatos que lhe acenam certas vantagens pessoais.

2.5 — Não conhece e nem se interessa pela sua comunidade.

Algumas vêzes procura fazer demagogia.

2.6 — Não conhece todos os símbolos estaduais e nacionais mais importantes assim como as normas que regem o seu uso.

2.7 — É imaturo sôbre o ponto de vista de desenvolvimento social e emocional por esta razão não está em condições de contribuir, como um educador, para a paz universal.

3. **Quanto à integridade e reconhecida ascendência no meio social**

M.B. 3.1 — Exerce liderança: estimula a cooperação, mantém e encarna a capacidade espontânea de renovação.

3.2 — Seu comportamento é integrativo porque possui capacidade para compreender, sentir e arrastar à ação criadora as pessoas com as quais mantém relações.

3.3 — É um mestre na experencial verdade sôbre si mesmo e na vivência integral dessa verdade. Existe em si uma disposição ética especial, uma sensibilidade particular em face dos valôres e das situações morais, uma faculdade específica de dar à existência a sua forma moral.

B. 3.1 — É um eficiente líder institucional: circunscreve seus programas de ação na área escolar.

3.2 — Tem facilidade em estabelecer relações com diferentes tipos de pessoas. Compartilha e partilha das responsabilidades dos líderes quando convocado pela direção da escola ou por outras autoridades oficiais.

3.3 — Faz prevalecer em sua vida o mundo qualitativo do "ser" sôbre o mundo quantitativo do "ter". É realmente educado.
Goza de prestígio no meio local.

R. 3.1 — De vez em quando se deixa enredar na complicada teia das relações sociais. Algumas vêzes deixa-se vencer pelo influxo imediato dos outros e corre o perigo de enfrentá-los, não na tensão viva que deve existir de indivíduo para indivíduo, mas

como um simples elemento do ambiente social, como parte integrante das exigências e planos dêste.

3.2 — Algumas vêzes manifesta dificuldade de participação em ação conjunta, mas procura vencer suas dificuldades e consegue realizar um trabalho satisfatório. Seu valor é reconhecido no meio local.

3.3 — Pragmatista: é moralmente bom tudo o que faz prosperar a vida.

I. 3.1 — Não possui condições para se impor no meio.

3.2 — Apresenta dificuldade de relacionamento. Algumas vêzes torna-se irresponsável. Não atende devidamente às solicitações que lhe são feitas pelas autoridades.

3.3 — Há falta de coerência entre os princípios que prega e a vida que leva. Falta de consistência no plano moral.

## V. PLANO PESSOAL

### 1. Saúde

**M.B.** 1.1 — Goza de boa saúde — Ausência de licenças para tratamento de saúde — Excelente resistência física.

**B.** 1.2 — Apresenta algumas falhas por motivo de saúde. Raras vêzes solicitou licença para tratamento de saúde.

**R.** 1.3 — Seguidamente se afasta do trabalho por motivos de saúde. Freqüentes licenças para tratamento de saúde.

**I.** 1.4 — Não está em condições de assumir a regência de uma classe. Saúde física e mental comprometidas.

### 2. Características gerais de personalidade

**M.B.** 2.1 — Possui uma personalidade bem desenvolvida, ou seja, revela características de maturidade num sentido total.

2.2 — Considera o seu trabalho como um sagrado apostolado e vive tão intensamente esta verdade que não só os seus alunos, mas todos que o conhecem se sentem irresistìvelmente contagiados por êste cunho de autenticidade que confere à sua vida.

B. 2.1 — Possui uma personalidade equilibrada.

2.2 — Coloca o seu trabalho numa perspectiva profissional apenas. Cumpre bem o seu dever.

R. 2.1 — Em certas circunstâncias apresenta alguns traços de personalidade imatura.

2.2 — Algumas vêes sacrifica os alunos e os interêsses do ensino por questões pessoais.

I. 2.1 — Revela uma personalidade imatura.

2.2 — Quase sempre sacrifica os alunos e os objetivos da educação por interêsses particulares.

3. **Cultura geral e especializada**

M.B. 3.1 — Possui pleno conhecimento e profunda experiência das bases metafísicas e místicas da pedagogia educacional.

3.2 — Possui comprovantes (certificados de cursos, diplomas, etc.) de cursos de extensão geral e de especialização.

B. 3.1 — Possui compreensão e intuições valiosas sôbre aspectos assenciais da pedagogia educacional.

3.2 — Tem realizado cursos de especialização com aproveitamento (está usando o que aprendeu nêstes cursos) e raros cursos de cultura geral.

R. 3.1 — Possui algumas noções sôbre aspectos fundamentais da pedagogia educacional.

3.2 — Raras vêzes realiza cursos de extensão cultural ou de especialização.

I. 3.1 — Está alheio aos problemas educacionais porque está voltado inteiramente para si próprio.

3.2 — Nunca comparece a cursos, reuniões de estudos etc... e, quando convocado, permanece contrariado, interferindo negativamente nas atividades que estão sendo desenvolvidas.

4. **Possibilidades de contribuir para o engrandecimento da profissão**

**M.B.** 4 1 — Atua como educador e como um técnico-científico no campo educacional.

4.2 — Aplica a pesquisa e costuma registrar seus trabalhos na Divisão de Pesquisas, da C.P.O.E. da S.E.C.

4.3 — Coloca-se à disposição e sob supervisão dos técnicos da Divisão de Pesquisas desta Secretaria.

4.4 — Colabora no sentido da divulgação dos trabalhos científicos realizados assim como de outros recomendados por êste Órgão Técnico.

**B.** 4.1 — Participa das pesquisas programadas por êste Órgão com interêsse e espírito científico.

4.2 — Realiza alguns trabalhos de valor mas não os registra devidamente.

4.3 — Colabora com a Divisão de Pesquisas quando solicitado, mas em caso contrário, guarda em silêncio seus trabalhos, quando não os destrói.

4.4 — Colabora no sentido da divulgação de trabalhos e estudos científicos.

**R.** 4.1 — Trabalha num plano mais empírico. Suas possibilidades de contribuir para o engrandecimento da profissão são limitadas, mas efetivas.

4.2 — Não se interessa pela pesquisa porque não reúne condições pessoais para a sua aplicação.

4.3 — Os recursos de avaliação que utiliza, fichas de observação, técnicas empregadas etc... carecem de validez e precisão em relação a alguns aspectos.

4.4 — Colabora, quando solicitado, na divulgação de estudos e trabalhos científicos, dentro de suas possibilidades.

I. — Não tem possibilidades de contribuir para o engrandecimento da profissão.

5. **Impressão geral**

M.B. 5.1 — Ótima impressão geral. Aparência simples, mas distinta e própria para um ambiente educacional.

5.2 — Pessoa acolhedora de fácil contato, delicada e compreensiva.

5.3 — Irradia fé e entusiasmo, crença no poder da educação.

B. 5.1 — Boa impresão geral. Aparência simples e apropriada ao ambiente escolar.

5.2 — Pessoa delicada e compreensiva não tanto acolhedora.

5.3 — Crê no poder da educação mas não comunica fàcilmente êste sentimento.

R. 5.1 — Causa uma impressão satisfatória. A maneira de apresentar-se na escola nem sempre satisfaz as exigências do ambiente escolar.

5.2 — Pessoa educada. Não cria situações difíceis e muito menos atritos, entretanto, mantém com o outro um contato indiferente, situando-se apenas circunstancialmente dentro da escola ou do ambiente de trabalho.

5.3 — Não possui convicções íntimas, profundas, sôbre o poder da educação, por esta razão, deixa de comunicar ao outro, esta verdade fundamental, entretanto, esforça-se em atuar num sentido positivo.

I. — Má impressão. Não satisfaz os requisitos mínimos em relação a êste ítem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:


REAL, G. M. — Bohlen, J. M. — Raudabauch, J. N. — **Liderança** — Zahar Editôres

BRADFIELD, James e Moredock, H. Stewart — **Medidas e Testes em Educação** — Fundo Universal de Cultura

JAHODA, Mario — Deutsch, Norton e Cook, Stuart — **Método de Pesquisa das Relações Sociais** — Ed. Herder

REY, André — **Insuficiências Psicológicas das Crianças e Adolescentes** — Fundo de Cultura

— Material cedido pelo Serviço de Psicologia do Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura — R.G.S.